



FESTA E CIDADE : entrelaçamentos e proximidades

■ AMÉLIA CRISTINA ALVES BEZERRA¹

RESUMO

A FESTA TEM OCUPADO UM LUGAR SIGNIFICATIVO NA DINÂMICA DAS CIDADES BRASILEIRAS, ATRAVÉS DELA SÃO (RE)ATUALIZADAS, RITUALIZADAS E CELEBRADAS AS EXPERIÊNCIAS SOCIAIS E AS REPRESENTAÇÕES IDENTITÁRIAS LOCAIS. ESSA CARACTERÍSTICA QUE A FESTA CONGREGA TEM PERMITIDO QUE A MESMA SEJA APROPRIADA COMO UMA DAS FORMAS DE AFIRMAÇÃO DAS PARTICULARIDADES/SINGULARIDADES LOCAIS. COM ESSE OBJETIVO MUITAS FESTAS VÊM SENDO (RE)INVENTADAS E ESPETACULARIZADAS NAS CIDADES BRASILEIRAS, IMPLICANDO NUMA REDEFINIÇÃO DAS ESPACIALIDADES E TEMPORALIDADES DAS FORMAS DE FESTEJAR. CONCOMITANTE A ESSE PROCESSO, ALGUMAS CIDADES TÊM VIVENCIADO UMA REESTRUTURAÇÃO E UM EMBELEZAMENTO DE DETERMINADAS ESPAÇOS, ASSIM COMO A CONSTRUÇÃO DE EQUIPAMENTOS URBANOS DESTINADOS A REALIZAÇÃO DE EVENTOS CULTURAIS. ESSA TENDÊNCIA PODE SER RECONHECIDA EM MUITAS CIDADES DO NORDESTE. É NESSE QUADRO QUE A RELAÇÃO ENTRE FESTA E IDENTIDADE SE AFIRMA COMO QUESTÕES PARA PENSAR A CIDADE, SENDO ESTE O TEMA DESTA REFLEXÃO, QUE APRESENTA COMO REFERÊNCIA EMPÍRICA O ESPAÇO URBANO DE MOSSORÓ, LOCAL DE ONDE PARTIMOS PARA PENSAR AS QUESTÕES PRESENTES NESSE ARTIGO.

PALAVRAS CHAVES: CIDADE, FESTA, IDENTIDADE, ESPETÁCULO, MERCADO.

A cidade foi um espaço ocupado ao mesmo tempo pelo trabalho produtivo, pelas obras e pelas festas, já nos dizia Lefebvre (1991). Esse entrelaçamento entre a cidade e os rituais festivos também está presente nas trilhas que Mumford (1965) constrói em busca das origens da cidade que, para ele, tem suas bases ligadas à predisposição do homem para a vida em sociedade, ou seja, para o compartilhamento. Nessa direção, observa que antes mesmo que a cidade fosse um lugar de residência fixa ela foi “um ponto de encontro” para onde periodicamente as pessoas voltavam. Assim, “o imã precede o recipiente, e essa faculdade de atrair os

não residentes para o intercuro e o estímulo espiritual (...) continua sendo um dos critérios essenciais da cidade (..)” (Mumford, 1965 p.19).

Partindo dessas observações, é possível dizer que o primeiro germe da cidade é, pois, o espaço de encontro cerimonial, é a festa. Compartilhando das observações de Mumford, Fernandes (2001) destaca que as festas são fenômenos primordiais e indissociáveis da civilização, porque nelas os homens sempre alcançam os mais altos níveis de sociabilidade. As festas desempenham um importante papel na relação entre o homem e o meio, pois estas manifestações sempre refletiram o modo

como os grupos sociais pensam, percebem e concebem seu ambiente, valorizam mais ou menos certos lugares.

É nesse sentido que Lefebvre (1991) propõe que a cidade reencontre sua função primordial que é a festa. Esse reencontro com a festa, segundo o autor, tem sido proposto a partir dos objetivos estratégicos pensados para as cidades; contudo, tem consistido apenas na formulação daquilo que se passa hoje, sem graça nem esplendor, em que festividades ou festivais tentam sem jeito recriar a festa.

Nesse processo de (re)criação e (re) invenção da festa, os rituais, que inicialmente possuíam um caráter quase espontâneo dos valores e das tradições populares dos diversos grupos sociais, vêm sendo apropriados pelos administradores públicos e empresariais, transformando-se em megaeventos, cujo caráter de empreendimento econômico e comercial tornou-se muito acentuado. Uma vez institucionalizados pelo poder público, esses eventos têm assumido a forma de grandes espetáculos urbanos, atraindo pessoas e gerando renda.

Desse modo, pensar a festa na contemporaneidade nos coloca diante de uma nova questão, qual seja, a sua tendência à mercantilização, visto que nessa fase histórica do capital, a cultura, como bem coloca Yúdice (2004), passa a ser utilizada como recurso e, nesse processo, vem sendo apropriada como uma das formas de delimitação das particularidades locais frente ao mercado global. Esse processo tem tido um rebatimento na (re)organização do espaço urbano, desencadeando investimentos nas políticas de revitalização de centros históricos e na organização de festas - que têm assumido a característica de grandes espetá-

culos- reafirmando, desse modo, particularidades/singularidades regionais e locais, o que implica uma (re)elaboração das identidades, que, não raramente, são vendidas no mercado de cidades.

É neste quadro que a festa se impõe como um elemento para pensar a cidade na contemporaneidade, sendo este o objetivo do presente artigo que se deterá na dinâmica instalada na cidade de Mossoró, localizada no oeste do Rio Grande do Norte, lugar de onde partimos para pensar as questões presentes neste artigo. Para tanto faremos um caminho no qual discutiremos inicialmente a relação entre a festa, a cidade e a identidade e posteriormente trataremos da dinâmica instalada na cidade de Mossoró, onde a cultura e, especificamente, a festa tem ocupado uma centralidade no processo de re(organização) do espaço da cidade.

CIDADE, FESTA E IDENTIDADE _____

No Brasil, boa parte dos registros existentes sobre a festa traz consigo o cenário urbano, onde os espaços públicos, a exemplo da rua e da praça, se colocam como os locais privilegiados das festividades. Mary Del Priore na sua obra *Festas e Utopias no Brasil Colonial*, quando trata das festas no Brasil colonial, nos fala do cuidado com o embelezamento da cidade durante o período festivo, quando era comum as Câmaras recomendarem à população que caiasse suas casas e ornasse portas e janelas nos dias de procissão ou de festa profana; costumava-se, igualmente, segundo os relatos por ela registrados, “alcatifar as ruas com flores odoríferas, ornar as janelas com colchas de Pequim ou China ou com as lindezas dos senhores desta terra; noz moscada era jogada nas portas de entrada, para perfumá-las” (Del Priore, p.38).

A iluminação era outra ferramenta fundamental na ornamentação da cidade. Para tanto, os moradores das vilas participavam acendendo dentro e fora de seus domicílios as estivas luminárias, descritas no trabalho de Amaral (1998) como pequenas panelas de barro com azeite de mamona com um pavio de algodão retorcido que se acendiam na época das festas e procissões.

Ao tratar especificamente das festas na Europa na época moderna, Di Méo (2001) ressalta que as grandes procissões gerais que ocorriam em algumas cidades constituíam sempre grandes espetáculos, onde os habitantes representavam, ao mesmo tempo, atores e expectadores. Eles demonstravam aos estrangeiros de passagem, a pujança, a grandeza, a felicidade da sua pátria. Através de seus desfiles, eles veneravam suas cidades (Bercé, apud Di Méo 2001). Para o autor esses desfiles e os rejúbilos que os acompanhavam aumentavam a coesão comunal e criavam uma identidade urbana “forte” (grifo nosso).

As festas, contudo, não têm sido utilizadas somente para afirmar a coesão dos habitantes nas cidades e, portanto, das relações hegemônicas, mas também foram e são utilizadas para construir uma unidade e (re) significar a identidade de grupos subalternizados historicamente, a exemplo da população negra no período colonial no Brasil. Ao tratar especificamente das festas na Bahia, Reis (2002) destaca que estas foram vividas pelos escravos com diversos fins, sentidos e resultados, na medida em que era uma oportunidade para a celebração de valores culturais trazidos pelos africanos e de outros aqui criados. Servia para preencher as poucas horas de folga ou para acolher os que fugiam das horas de trabalho. “A partir e em torno dela, muita coisa se tornava possível: rituais

de identidade étnica, reunião solidária de escravos libertos, competição e conflito entre os festeiros, ensaios para levantes contra brancos” (Reis, 2002, p.101).

Essa dimensão identitária que as festas condensam é apontada ao longo das reflexões de Di Méo (2001), pois, para ele, um dos significados da festa está no seu poder de mobilizar ou forçar as identidades em nível sóciogeográfico, já que seu significado profundo, suas manifestações, a liturgia de seu desenvolvimento, os discursos e os mitos mantêm trabalhando de perto ou de longe a unidade e a identidade social. Partindo desse referencial, argumenta que as numerosas festas que colocam o acento sobre a unidade e sobre a identidade do grupo têm tido sempre uma participação elevada na Europa.

Desse modo, para Di Méo, a identidade se apresenta como uma representação. Para perdurar e se reproduzir a identidade necessita o recurso à memória social, ao jogo simbólico, às cerimônias comemorativas e às festas, aos discursos históricos e mitológicos, à repetição das práticas e dos comportamentos rotineiros do cotidiano. Assim, a festa, é do ponto de vista da geografia, uma oportunidade de primeira ordem para compreender a natureza do laço territorial, pois ela permite:

perceber os signos espacializados pelos quais os grupos sociais se identificam a contextos geográficos específicos que fortificam sua singularidade. A festa possui com efeito a capacidade de produzir símbolos territoriais cujo o uso social se prolonga bem além de sua duração. Esta simbólica festiva une e qualifica lugares (...) (Di Méo, 2001, p.1-2)

Essas considerações nos conduzem a pensar que a festa é uma produção social que pode gerar vários produtos, tanto materiais como comunicativos ou, simplesmente, simbólicos; contudo, o “mais crucial e mais geral desses produtos, segundo Guarinello (2001), é precisamente, a produção de uma determinada identidade”, que nesse sentido argumenta:

A festa é uma produção do cotidiano, uma ação coletiva, que se dá num tempo e lugar definido e especial, implicando a concentração de afetos e emoções em torno de um objeto que é celebrado e comemorado e cujo produto principal é a simbolização da unidade dos participantes na esfera de uma determinada identidade. Festa é um ponto de confluência das ações sociais cujo fim é a própria reunião ativa de seus participantes (2001, p.972).

Essa simbolização da unidade apontada por Guarinello é encontrada nas considerações que Durkheim (2003) elabora sobre festa, pois, para ele, os ritos comemorativos ao mesmo tempo em que libertam, também celebram a unidade; através deles, “o grupo reanima periodicamente o sentimento que tem de si mesmo e de sua unidade” (Durkheim 2003, p.409). Para este autor, através dos ritos comemorativos os indivíduos são revigorados em sua natureza de seres sociais, pois as gloriosas lembranças que fazem reviver diante de seus olhos e das quais eles se sentem solidários, dá-lhes uma impressão de força e de confiança.

Ainda com relação à identidade, Guarinello (2001) reforça que a festa gera a concretização efetivamente sensorial de uma determinada identidade que é dada pelo compartilhamento do sím-

bolo que é comemorado e que, portanto, se inscreve na memória coletiva como um afeto coletivo, como a junção das expectativas individuais, como um ponto em comum que define a unidade dos participantes. “A festa é, num sentido bem amplo, a produção de memória e, portanto, de identidade no tempo e no espaço social” (Guarinello, 2001, p.972).

Enquanto forma de produção de identidade, a festa vem assumindo um papel importante em algumas cidades brasileiras, sobretudo nas últimas décadas em que vem se impondo a necessidade de uma diferenciação no mercado de cidades. A festa, nesse contexto, tem sido um dos veículos através do qual a identidade local é (re)atualizada e sintetizada. Essa identidade, conforme Sanchez (2003), tem sido apresentada como condição de sobrevivência e de êxito da cidade face à globalização.

Contudo, essa síntese construída carrega inevitavelmente uma leitura fetichizada e reducionista das relações sociais, pois, nas operações de síntese, prevalecem os traços de identidade instrumentais ligados às relações dominantes de poder. Nessa perspectiva, Sanchez acrescenta que o caminho para a auto-definição é a definição do “outro” de modo excludente e estereotipado e argumenta que:

A desqualificação do outro, sejam cidades ou regiões, parece ser uma ferramenta para a qualificação do “nós”, para a construção do sentido de pertinência (...). Porém se por um lado, esta oposição binária entre “nós” e “outros”, reforça e define a identidade do lugar, por outro, simultaneamente, ordena a diferença complexa mediante uma simplificação, mais facilmente apropriada. As múltiplas identidades e

diferentes formas de vida social, que co-existem na cidade, são simplificadas, depuradas numa única identidade que se pretende sintética (Sanchez, 2003, p.120).

Desse modo, a ordem necessária para impor os projetos de modernização se constrói em larga medida por meio do controle da produção simbólica. Esse poder simbólico, conforme Haesbaert (1997), ao se manifestar pode fazer uso de elementos espaciais, representações ou símbolos, constituindo assim uma identidade territorial que:

(...) trata-se de uma identidade em que um dos aspectos fundamentais para sua estruturação está na alusão ou referência a um território, tanto no sentido simbólico quanto concreto". Assim, a identidade social é também territorial quando o referente símbolo central para a construção desta identidade parte do ou transpassa o território (Haesbaert, 1999, p.178).

Uma das características mais importantes da identidade territorial, que corresponde ao mesmo tempo a uma característica geral da identidade, é que "ela recorre a uma dimensão histórica do imaginário social, de modo que o espaço que serve de referência condense a memória do grupo, tal como ocorre deliberadamente nos chamados monumentos históricos nacionais" (Haesbaert, 1999, p.180). A (re)construção imaginária da identidade envolve, portanto, uma escolha, entre múltiplos eventos e lugares do passado, daqueles capazes de fazer sentido na atualidade. Nesta perspectiva, a memória é solicitada e reestruturada sem cessar (Haesbaert, 1999).

Contudo, a escolha do que deve ser lembrado e, conseqüentemente, do que deve ser esquecido se define no âmbito das relações de poder. Em se tratando desse processo na cidade, os "vencedores", na maioria dos casos, são aqueles que detêm o "direito" de falar pela cidade e, portanto, de representá-la. Nesse processo, segundo Sanchez (2003), a construção da hegemonia é evocada a partir de uma identidade territorial homogênea que precisa de proteção contra o diferente/externo.

Essas reflexões nos conduzem a pensar que as identidades são relacionalmente construídas. Como construção relacional, a identidade supera posições essencialistas. Nessa perspectiva, "a construção é tanto simbólica quanto social" (Woodward 2004, p.10). Esse reconhecimento pode levar à renegociação das identidades, pois reformular o modo por meio do qual se representa a identidade é também uma ação política. Compreendida dessa forma, a identidade é construída com base nas representações, nos discursos, nos sistemas de classificações simbólicas.

É nesse contexto que a festa ganha centralidade, pois seu poder de impressionar, como bem nos coloca Calvo (1991), seu caráter estético e ao mesmo tempo simbólico e material tem contribuído para que ela assuma um importante papel no processo de representação da cidade. Essa característica tem contribuído para que ela assuma uma condição de mercadoria, pois como bem sublinha Amaral (1998, p.9), a "festa à brasileira" possui uma tripla importância: "*Por sua dimensão cultural - no sentido de colocar em cena valores, projetos, arte e símbolos do povo brasileiro -, como modelo de ação popular - no sentido que tem sido em muitas ocasiões o modo de concentração de riquezas..- e como espetáculo de muitas cidades*".

Além dessas “funções”, ou permeando-as, é preciso acrescentar que a festa apresenta ainda um caráter político, pois na maioria das vezes são utilizadas como forma de legitimação das elites políticas locais.

Em Mossoró, nossa referência empírica de pesquisa, a festa também vem sendo apropriada de várias formas, pois tem assumido tanto o papel de espetáculo da cidade, projetando-a tanto no mercado quanto na (re) significação e reafirmação da identidade local. Esse processo que tem se materializado através da festa de *São João* e ainda do espetáculo denominado *Auto da Liberdade* vem sendo acompanhado, não raramente, pelo processo de espetacularização das festas na cidade.

No tópico seguinte tentaremos discutir melhor a relação dessas festas com a dinâmica que hoje se instala em Mossoró.

MOSSORÓ E AS FESTAS: A BUSCA DA DIFERENÇA PARA O MERCADO DE CIDADES _____

As reflexões que envolvem festa e cidade parecem se intensificar quando nos deparamos com as inúmeras festas que compõem o calendário de atividades culturais das cidades brasileiras. Tal aspecto levou Amaral (1998) a afirmar que as festas são uma das linguagens favoritas do povo brasileiro. Por meio destas são traduzidas muitas das experiências e das imagens da sociedade.

Na região Nordeste, por exemplo, o carnaval e o São João têm se destacado no calendário de atividades culturais de algumas cidades, que nos períodos de fevereiro e junho se organizam e se enfeitam para fazer festa. Dentre estas cidades destacam-se Recife, Olinda e Salvador, na época do carnaval, e Campina Grande, Caruaru e, mais re-

centemente, Mossoró no período das festas juninas. O informe publicitário da revista *Veja* do mês de junho de 2004 expressa bem o destaque que estas festas têm assumido, pois trouxe uma matéria intitulada “O Melhor São João do Nordeste”, na qual Mossoró, Campina Grande e Caruaru apresentam juntas o mais animado São João do país. Em outras regiões do país é possível destacar outras festas que se tornaram referenciais, tais como a Festa da Uva em Caxias do Sul (RS), a Oktoberfest em Blumenau (SC), a Festa do Boiadeiro em Barretos (SP) e outras.

Intercalando essas festas, há ainda as diversas comemorações que celebram os padroeiros das cidades. Em Mossoró, por exemplo, a festa da padroeira ocorre durante o mês de dezembro, e nesse período, novenas, procissões e encenações são celebradas em homenagem a Santa Luzia.

Outra comemoração que faz parte do calendário das festas em Mossoró é o *Auto da Liberdade* que ocorre no mês de setembro. Este evento caracteriza-se pela (re)recuperação e (re)atualização de alguns sujeitos e fatos históricos que compuseram a história da cidade, dentre os quais destacam-se a *abolição dos escravos, o motim das mulheres e a resistência da cidade ao bando de lampião*. Por meio da teatralização destes fatos são evidenciados os referenciais de *liberdade e coragem* como elementos que compõem a história da cidade.

Em Mossoró estas festas vêm adquirindo uma notoriedade tal que para as mesmas têm sido destinados investimentos públicos e privados. Por exemplo, Em 2004 (ano em que realizamos a primeira etapa da pesquisa) a prefeitura, juntamente com os patrocinadores, investiu em torno de R\$ 2 milhões na festa de São João. Na homepage da

Prefeitura do Município, elas são anunciadas com destaque. Ao acionarmos uma delas, deparamos-nos com as inúmeras fotos e filmagens que foram feitas no período de sua realização.

A magnitude que estas festas têm assumido em Mossoró nos conduziu a pensar sobre a importância das mesmas na produção de uma imagem e na conformação de uma identidade da cidade. Esse papel, na nossa compreensão, tem sido desempenhado, especialmente, pela festa de *São João* e pelas comemorações do *Auto da Liberdade*. A festa junina, por meio de suas imagens, símbolos e narrativas, opera, segundo Morigi (2001), uma mediação simbólica entre concepções, e, nesse processo, une, interliga os laços e integra percepções baseadas no discurso da tradição cultural e na identidade local e regional. Já o espetáculo *Auto da Liberdade* recupera e (re)atualiza alguns fatos e sujeitos históricos que compuseram a memória da cidade e que vêm sendo apropriados e representados com objetivo de (re)significar e reafirmar os referenciais de *liberdade e coragem* que tendem a serem lidos como aqueles da cidade.

O resgate desses fatos históricos por meio de um grande espetáculo conduz a uma conexão entre o presente e o passado, (re)atualiza os referenciais identitários e produz um sentimento de identificação territorial. Assim é possível identificar nestas festas elementos de caráter local e regional e estabelecer, desse modo, diálogos diferentes, embora não duais, pois o *Auto da Liberdade* ao colocar em cena a memória local, (re)atualiza a idéia de *coragem e liberdade* que, embora sejam referenciais locais, acabam estabelecendo um diálogo com a história nacional e regional. É o caso da libertação dos escravos no Brasil e da questão de Lam-

pião que compõe a idéia de coragem presente no imaginário da região Nordeste. Assim, percebemos que existe um jogo de escalas identitárias, no qual os referenciais locais se intercalam com os elementos regionais e ainda nacionais.

A matéria produzida pelo jornal Folha de São Paulo de 25 de setembro de 2003 a respeito do *Auto da Liberdade* que, na ocasião foi dirigido por Gabriel Villela (renomado diretor de teatro), destaca bem os diferentes níveis de diálogo estabelecidos a partir da idéia de liberdade presente no espetáculo:

E são muitas as liberdades evocadas por Villela ao dialogar com o texto de Crispiniano Neto e com o cordel de Antônio Francisco, ambos do RN. Há a liberdade segundo a revolução Francesa (1789); Ésquilo na peça "Prometeu Acorrentado" (Grécia antiga) e Mossoró, aqui uma sina ancorada, ainda, no direito do voto feminino pela professora Celina Guimarães (1898-1972) e na resistência, em 1927, à invasão de Lampião (1898-1938). (Valmir Santos, Folha de São Paulo, setembro de 2003)

Essa (re)invenção das festas que trazem consigo a (re)significação e reafirmação da identidade em Mossoró tem sido acompanhada pela (re)estruturação do espaço da cidade, sobretudo da área central. Essa (re)organização pode ser percebida através da reestruturação da Estação das Artes, antiga estação ferroviária, transformada em local de eventos culturais, a renovação e o embelezamento das praças e dos teatros, assim como a construção de um novo teatro que custou R\$ 6.500 mil e foi construído em parceria com a PETROBRÁS.

Entender quais são os processos que têm movido essa (re)invenção das festas e as transformações de muitas áreas da cidade é uma forma de entender a dinâmica sócioespacial instalada em Mossoró na última década. Nesse sentido, as leituras feitas em torno dos diferentes planejamentos e, em especial, daquele que tem sido denominado de “estratégico”, a partir do qual a tônica tem recaído na reabilitação ou na recuperação de ambientes históricos, na construção de equipamentos culturais marcantes, no cuidadoso desenho dos espaços públicos e na organização de eventos festivos, nos conduz a pensar que a dinâmica urbana que vem se instalando em Mossoró guarda reflexos dessa forma de pensar a cidade.

E, embora os debates que vêm sendo desenvolvidos em torno do planejamento estratégico privilegiem, sobretudo, as grandes cidades, como é o caso de Barcelona, Rio de Janeiro, entre outras, podemos sugerir que se trata de uma espécie de um pensamento único que hoje se espalha sobre as cidades, como propõe o título do livro de Vainer e Arantes (2002).

A compreensão daqueles que estão envolvidos com as transformações que têm ocorrido na cidade de Mossoró, como é o caso do secretário de cultura, parece reforçar os referenciais propostos no planejamento estratégico, pois, para ele, a transformação espacial que vem se desenhando na cidade tem tudo a ver com a cultura. Nesse sentido, argumentou que “a cidade chegou a um ponto que tinha que ter esses equipamentos, (teatros, ginásios, espaços para festas) porque esses eventos (festas) naturalmente iam levar o nome da cidade, e a cidade ia extrapolar os muros do estado e realmente extrapolou” .

Essa compreensão acerca da dinâmica que hoje se instala em Mossoró aponta para duas questões: a primeira se refere à utilização da cultura como recurso. Nesse sentido, são interessantes as reflexões de Yúdice (2004, p.25) quando caracteriza a questão cultural do “nosso tempo como uma cultura da globalização acelerada, como um recurso”. A segunda questão que está diretamente ligada à primeira, se refere à utilização da cultura como estratégia de renovação da cidade.

Contudo, as tendências globais não explicam por si só as dinâmicas locais, sobretudo quando se trata das cidades de porte médio, ou cidades médias, como é o caso de Mossoró. Assim, do ponto de vista local, é possível pensar que essa “renovação” da cidade, bem como a (re)invenção das festas tem sido uma das formas encontradas pelas elites políticas locais para “vender” a cidade e, ao mesmo tempo, para justificar sua permanência no poder, bem como a sua legitimação. É nesse contexto que os projetos globais se entrelaçam e reforçam os projetos locais.

Esse processo, contudo, não tem ocorrido sem tensões e questionamentos. Tentaremos discutir um pouco essas questões no tópico seguinte.

TENSÕES E AMBIGÜIDADES NAS FORMAS DE PENSAR A CIDADE, E A FESTA EM MOSSORÓ _____

Uma das conseqüências do processo de (re)invenção das festas em Mossoró tem sido a institucionalização de uma espacialidade e de uma temporalidade das mesmas na cidade. Essa institucionalização se expressa através da concentração das festas na área central da cidade em um tempo determinado, a exemplo do São João que ocorre durante todo o mês de junho em um espaço reservado ao evento.

Desse modo, a festa junina que antes era comemorada em dias alternados nos diferentes bairros da cidade, nos últimos seis anos tem se concentrado na área central da cidade durante todo o mês de junho. A institucionalização do tempo e do espaço festivo acabou produzindo um esvaziamento das comemorações que ocorriam em outros lugares da cidade, provocando tensões e resistências, produzindo, assim, conflitos de territorialidades na cidade.

Essas tensões e resistências têm se revelado de diferentes formas, sendo uma delas a atitude dos moradores do bairro onde tradicionalmente era comemorado o São João que, mesmo enfrentando o esvaziamento, pois ela ocorre concomitante ao São João realizado pela Prefeitura, vêm mantendo a data das festividades do bairro. Muitos desses moradores se negam a frequentar a festa oficial, pois, para eles, ela é responsável pelo esvaziamento das comemorações do bairro. Nesse sentido, reivindicam a inclusão dos festejos juninos do bairro na programação oficial do São João, pois sabem que essa é uma das formas de resgatar os frequentadores e continuar (re)existindo.

Ao mesmo tempo em que há resistências ao processo de institucionalização da espacialidade e da temporalidade da festa junina em Mossoró, há também uma conveniência por parte de moradores de outros bairros no sentido de transferirem as suas comemorações para o mês de julho. Contudo, as opiniões sobre essas transferências de datas se diferenciam: para os mais jovens estas mudanças são boas porque ampliam o tempo festivo; já para os mais idosos este processo tem retirado da festa a sua tradição.

Essas resistências e assimilações que se expressam no cenário festivo de Mossoró revelam as

ambigüidades e contradições que permeiam a cultura popular. Essas contradições são compreensíveis na medida em que não podemos compreender a cultura popular e especificamente a festa fora do campo de forças das relações de poder e dominação. Nesse sentido, Hall (2003, p.254) salienta que não devemos negar o poder que as indústrias culturais possuem em “retrabalhar e remodelar aquilo que representam; e pela repetição e seleção, impor e implantar tais definições de nós mesmos de forma a ajustá-las mais facilmente às descrições da cultura dominante ou preferencial”.

Nessa perspectiva, é preciso reconhecer a influência que a indústria cultural exerce sobre nós; afirmar o contrário, significa dizer que a cultura do povo pode existir como um enclave isolado, fora do circuito de distribuição cultural e das relações de força. O cenário festivo em Mossoró tem revelado essas influências, na medida em que há uma aceitação e, ao mesmo tempo, uma identificação por parte de uma camada da população com os rituais festivos que vêm sendo organizados pelas elites.

Ao mesmo tempo em que há uma identificação com essa forma hegemônica de pensar a festa em Mossoró, há também resistências, que se revelam através dos conflitos entre as instituições, a exemplo da Igreja, que reclama a dimensão religiosa da festa, e entre as gerações, a exemplo dos mais idosos que reivindicam a questão da tradição. Nesse sentido, “há uma luta contínua e necessariamente irregular, por parte da cultura dominante, no sentido de desorganizar e reorganizar constantemente a cultura popular” (Hall, 2003, p.255) Contudo, há pontos de resistências e também momentos de superação. Esta é a dialética da luta cultural, como bem nos afirma Hall (2003).

Essa luta cultural, segundo o autor, é contínua e ocorre nas linhas complexas da resistência e da aceitação, da recusa e da capitulação, que transformam o campo da cultura em uma espécie de campo de batalha permanente, onde não se obtém vitórias definitivas, mas onde há sempre posições estratégicas a serem conquistadas ou perdidas.

Nesse cenário de resistência e aceitação, os referenciais identitários que vêm sendo representados historicamente para legitimar e amalgamar poderes estabelecidos podem ser utilizados para questionar a invisibilidade e o silêncio as quais boa parte da população vem sendo submetida, pois, considerando que as identidades são relacionalmente construídas, é possível afirmar que elas podem ser disputadas, questionadas, e que os referenciais de *liberdade* e *coragem*, que são apropriados pelas elites para legitimar uma identidade hegemônica, podem, ao mesmo tempo, ser utilizados pelas classes subalternas para a sua afirmação material e simbólica, apontando assim, para um horizonte emancipatório materializados em práticas e representações onde se problematiza o espaço da diferença e se questionam os espaços da desigualdade na cidade.

Esse caminho, embora encontre desafios, precisa ser percorrido em Mossoró, sobretudo nesse momento vivenciado pela cidade em que os interesses políticos locais se entrelaçam e, ao mesmo tempo, se reforçam com o projeto global que vem sendo proposto para as cidades por meio do planejamento estratégico. Esse processo pode levar à destruição da cidade como espaço da política, como lugar de construção da cidadania, ou como bem nos alerta Vainer (2002), da cidade enquanto *polis*, pois somente na *polis*, em comunidade com

outros, “o homem é capaz de cultivar em todas as direções todos os seus dotes, afirmando sua liberdade (...)” (Santos, 1996, p.78).

Assim, a festa, embora esteja sendo usada para selar a unidade da cidade, pode ser utilizada também para construir ou, em alguns casos, solidificar os laços sociais dos bairros colocando-se, portanto, como um dos elementos de resistência das diferentes práticas espaciais existentes na cidade, apontando, desse modo, para a valorização das experiências locais. É, portanto, com a valorização da festa vivida e conseqüentemente da cidade do uso que é possível se posicionar mais criticamente frente à festa concebida e conseqüentemente à cidade da troca.

NOTAS

- ¹ Profa. da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN. Doutoranda pela Universidade Federal Fluminense. Integrante do núcleo dos estudos sobre regionalização e globalização NUREG/UFF.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, R. C. M. P. *Festa à Brasileira Significados do festejar, no país que “ não é sério”*. Tese de doutorado apresentada no Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo sob a orientação do Prof. Dr. José Guilherme Cantor Magnani. São Paulo, 1997.
- ARANTES, O & VAINER, C & MARICATO, E. *A cidade do pensamento único – Desmanchado consensos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- ARANTES, O. Cultura e transformação urbana. In. PALLAMIN: V. M. & LUDEMANN, M. (orgs). *Cidade e Cultura: esfera publica e transformação urbana*. São Paulo: Estação Liberdade. 2002.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.
- BUCCI, E. O espetáculo e a mercadoria como signo. In. NOVAIS, A. (org) *Muito além do espetáculo*. São Paulo: Ed. SENAC, 2005.
- CALVO, E. G. *Estado de Fiesta*. Madrid: Ed. Espasa-Calpe, 1991.
- CARDIM, P. Entradas solenes rituais comunitários e festas políticas, Portugal e Brasil, séculos XVI e XVII. In. JANCÓS. I & KANTOR. I (orgs). *Festa: Cultura e sociabilidade na América Portuguesa*. São Paulo: Hucitec, Edusp, 2001. Volume I.

- CASCUDO, L. C. *Mossoró, Região e Cidade*. Fundação Vingt Rosado. Coleção mossoroense, série C. Volume 999, Março de 1998.
- CASTELLS, M. & BORJA, J. As cidades como atores políticos. In *Revista Novos Estudos*. CEBRAP. Nº 45. Julho de 1996.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DEL PRIORE, Mary- *Festas e Utopias no Brasil Colonial*. São Paulo: Ed Brasiliense, 2000.
- Di MEO, G. *La géographie en fêtes*. Paris: Ed. Geophrys, 2001.
- DURKHEIM; E. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2003
- DUVIGNAUD, J. *Festas e Civilizações*. Fortaleza: Universidade federal do Ceará, 1983.
- FELIPE, J. L. A Organização do espaço urbano de Mossoró. Fundação Guimarães Duque- coleção mossoroense- série c- volume ccxxxvi, 1982.
- _____. A (re) invenção do Lugar: Os Rosados e o "país de Mossoró". In *Território/LAGET, UFRJ*- ano VI no 10 (jan/jun.2001)- Rio de Janeiro:UFRJ, 2000.
- _____. A. A (re) invenção do Lugar: Os Rosados e o "país de Mossoró". João Pessoa: Ed. Grafset, 2001.
- FERNANDES, N. N. *Escolas de Samba: sujeitos celebrantes e objetos celebrados*. Rio de Janeiro: Secretaria das Culturas, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 2001.
- FERNANDES, N. N. Geografia Cultural, Festa e Cultura Popular: Limites do Passo e Possibilidades do Presente. In *Espaço e Cultura – Nº 15*- Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC (janeiro-junho- 2003).
- FERREIRA, L. F. O lugar Festivo- A festa como essência espaço-temporal do lugar. In *Espaço e Cultura – Nº 15*- Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC (janeiro-junho- 2003).
- GUARINELLO, N. L. Festa, trabalho e cotidiano. In. JANCSÓ, I & KANTOR, I (orgs). *Festa cultura e sociabilidade na América Portuguesa*. São Paulo: Ed. Hucitec./Edusp, 2001. Volume II.
- HAESBAERT, R. *Des-territorialização e identidade: a rede "gaúcha" no Nordeste*. Niterói: Ed. EDUFF, 1997.
- _____. Identidades Territoriais. In ROSENDAHL, Z. & CORRÊA, R. L. (orgs). *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999.
- _____. Fim dos territórios ou novas territorialidades? In *Identidades: LOPES, L. P. M. & BASTOS, L. C. (orgs) Identidades:recortes multi e interdisciplinares*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002.
- _____. *Territórios Alternativos*. Niterói: Ed. EDUFF; São Paulo: Ed Contexto, 2002.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 2ª Edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- HARVEY, D. *Condição Pós-Moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- HOBSBAWM, E. & RANGER, T. *A invenção das tradições; tradução de Celina Cardim Cavalcanti*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- LEFEBVRE. *La presencia y la ausencia. Contribución a la teoría de las representaciones*. México, D.F. Fondo de Cultura Económica. 1983.
- _____. *The Production of space*. Oxford (R.U) e Cambridge (EUA): Blackwel. 1991.
- _____. *O direito a cidade*. Tradução de Rubens Eduardo Frias. São Paulo, 1991.
- LOPES, M. S. *Mudar a CIDADE. Uma introdução Crítica ao Planejamento e à Festa Urbanos*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- MORIGI, V. J. *Imagens recortadas, tradições reinventadas: as narrativas da festa junina em Campina Grande – Paraíba*. Tese de doutorado apresentada ao Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, Julho de 2001.
- MUMFORD, L. *A cidade na História*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1965.
- NONATO, R. *História social da abolição em Mossoró*. Coleção mossoroense Vol. CCLXXXV, Mossoró. 1983.
- REIS, J.J. Batuque negro: repressão e permissão na Bahia oitocentista. In. JANCSÓ, I & KANTOR, I (orgs). *Festa: Cultura e sociabilidade na América Portuguesa*. São Paulo: Hucitec, Edusp, 2001.
- ROJAS, C. A. A. *Tempo, Duração e Civilização: Percursos Braudelianos*. São Paulo: Cotez, 2001.
- ROCHA, A. P. B. *Expansão urbana de Mossoró (período de 1980-2004)*. Natal: Editora UFRN, 2005.
- SÁNCHEZ, Fernanda. *Cidade espetáculo: política, planejamento e city marketing*. Curitiba: Ed.Palavra, 1997.
- _____. A reinvenção das cidades na virada do século: agentes, estratégias e escalas de ação política. In. *Revista Sociologia Política de Curitiba* nº 16, p.31-49, junho, 2001.
- _____. *A Reinvenção das Cidades para um mercado mundial*. Chapecó:Argos, 2003.
- SEABRA, O. C. L. O irredutível da Festa. In *CD-RUM do XII Encontro Nacional de Geógrafos*. João Pessoa, 2002.
- SILVA, T. T. (org). Stuart Hall, Kathryn Woodward. *Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- SOUZA, M. L. *Mudar a Cidade: Uma Introdução Crítica ao Planejamento e à Gestão Urbanos*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- WOODWARD, K. Identidade e diferença: Uma introdução teórica e conceitual. In SILVA, T. T. (org). Stuart Hall, Kathryn Woodward. *Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- YÚDICE, G. *A conveniência da cultura*. Usos da cultura na era global. Belo Horizonte: Ed. UFMG; 2004.

ABSTRACT

FEAST HAS OCCUPIED AN IMPORTANT PLACE IN THE DYNAMIC OF THE BRAZILIAN CITIES. THROUGH IT SOCIAL EXPERIENCES AND LOCAL IDENTITARY REPRESENTATIONS ARE (RE)UPTODATED, RITUALIZED AND CELEBRATED. THIS CHARACTERISTIC FEAST BRINGS HAS ALLOWED IT BE APPROPRIATED AS ONE OF THE WAYS OF AFFIRMATION OF LOCAL PARTICULARITIES/SINGULARITIES. IN THIS INTENT, MANY FEASTS ARE BEING (RE)INVENTED A SPECTACULARIZED IN BRAZILIAN CITIES, WHAT IMPLIES IN A REDEFINITION OF SPACIALITIES AND TEMPORALITIES OF THE WAYS OF CELEBRATING. PARALLEL TO THIS PROCESS, BRAZILIAN CITIES ARE EXPERIENCING A RE-STRUTUCTURATION AND AN EMBELLISHING OF CERTAIN SPACES, AS WELL AS THE CONSTRUCTION OF URBAN EQUIPMENTS TO ACCOMPLISH CULTURAL EVENTS. THIS TENDENCY CAN BE RECOGNIZED IN MANY CITIES OF NORTHEAST REGION. IT IS IN THIS PORTRAIT THAT THE RELATIONSHIP BETWEEN FEAST AND IDENTITY CAN BE PLACED AS QUESTIONS TO THINK THE CITY, BEING THIS THE THEME OF THIS REFLECTION, WHICH SHOW AS AN EMPIRIC REFERENCE THE URBAN SPACE OF MOSSORÓ, A PLACE FROM WHERE WE START THINKING THE QUESTIONS DISCUSSED IN THIS ARTICLE.

KEYWORDS: CITY, FEAST, IDENTITY AND MARKET.